



ANGÚSTIA
Psicóloga explica que assim como guerras e grandes acidentes, pandemias podem deixar traumas em algumas pessoas.

VÍTIMAS ENTERROS SEM VELÓRIO E COM O CAIXÃO FECHADO TÊM SIDO FREQUENTES PARA PESSOAS QUE MORRERAM SUSPEITAS DE CORONAVÍRUS

OS DA EPIDEMIA



Exame para confirmar a morte por suspeita de coronavírus atrasam e parentes enterram seus entes queridos sem um adeus



COVID-19.
Com vestimenta especial, funcionários realizam sepultamento em cemitério de Belo Horizonte

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

Xandu Alves
@xandualves10



Famílias do Vale do Paraíba têm passado por uma situação angustiante nos últimos dias: não poder se despedir adequadamente de seus entes queridos que morreram.

A situação está relacionada à pandemia do coronavírus, que modificou procedimentos e protocolos em quase todas as áreas da saúde pública.

Devido ao quadro clínico verificado antes da morte, essas pessoas entraram na lista dos casos suspeitos para o novo coronavírus.

O diagnóstico desses casos com suspeita de covid-19 demora mais do que o normal por também estar na fila de exames represados em laboratórios e institutos públicos do Estado.

Eram 16 mil exames na fila na última semana, com 200 de pessoas que morreram por suspeita de Covid-19.

EXAMES.

José Henrique Germann, secretário estadual de Saúde, declarou em coletiva que 180 exames de pessoas mortas haviam sido feitos até a sexta-feira, e que o restante estava em processo final de análise. A taxa de positividade nestes casos girava em torno de 20%.

Sem ter a certeza de que o parente morreu em decorrência da Covid-19, o enterro dessas pessoas, seguindo protocolos sanitários, passou a ser realizado com cuidados extras e restrições.

A principal é a de evitar contato com o corpo, o que impediu famílias de se despedirem de seus entes com o caixão aberto, por exemplo, prática comum em velórios da região.

OVALE conversou com três famílias que vivenciaram essa situação no Vale nos últimos

dias. Elas pediram para não ser identificadas e que o nome do familiar morto não fosse revelado.

ANGÚSTIA.

O sentimento é de total angústia e de revolta, em alguns casos. “Nem ao menos o corpo vimos. E se não foi ele no caixão?”, questionou uma parente de um dos mortos que entrou na lista de suspeitos do coronavírus na região.

Com doença anterior, a famí-

lia disse que tem certeza de que ele não morreu de Covid-19.

Os familiares também dizem que não foram orientados a manter quarentena.

Outra família passou pela mesma situação e reclama da demora em sair o exame do coronavírus.

“Enterramos sem olhar uma última vez para o rosto dele. Foi cruel para todos nós. É como se estivesse desfigurado”, contou um familiar.

O irmão de uma das vítimas disse que a família esperou até o último momento a chegada do exame sobre o coronavírus, que constaria no atestado de morte. Sem o documento, o sepultamento foi feito com o caixão fechado. “Minha mãe ficou muito chateada e triste. Ela não via meu irmão com frequência e isso a deixou muito consternada”, contou.

DEMORA.

OVALE questionou prefeituras e a resposta é que o teste é feito pelo Estado e que o resultado demora a sair. O governo estadual vem dizendo que está tomando medidas para zerar a fila de exames, com prioridade aos casos graves e as pessoas que morreram. ■

***16.000**

Exames para diagnóstico de coronavírus estavam represados no estado, sendo 200 deles de pessoas que morreram.

ESTADO

Pacientes graves, profissionais de saúde e óbitos são prioridade em exames

TESTES. Coordenador da rede de laboratórios para diagnóstico da covid-19 e diretor do Instituto Butantan, Dimas Covas aposta em mutirões para zerar a fila para exames de coronavírus, que chega a 16 mil testes represados. Na sexta-feira (3), Covas disse que mais três laboratórios foram habilitados a participar da rede de 13 órgãos que estão fazendo testes para coronavírus no estado. Há ainda três

laboratórios privados que ofereceram instalações para exames do governo estadual.

O Estado também acertou com a Coreia do Sul a importação de 1,3 milhão de testes que devem chegar até 15 de abril. “Estamos discutindo a melhor maneira desse material vir para o estado”. Com a chegada de insumos, o diretor disse que a fila deve ser zerada. “Prioridade são pacientes graves, profissionais de saúde e óbitos”. ■



Vítima. Cleuza Fernandes morreu em dois dias